

Retrato do artista de mil cordas

por Mônica Sinelli

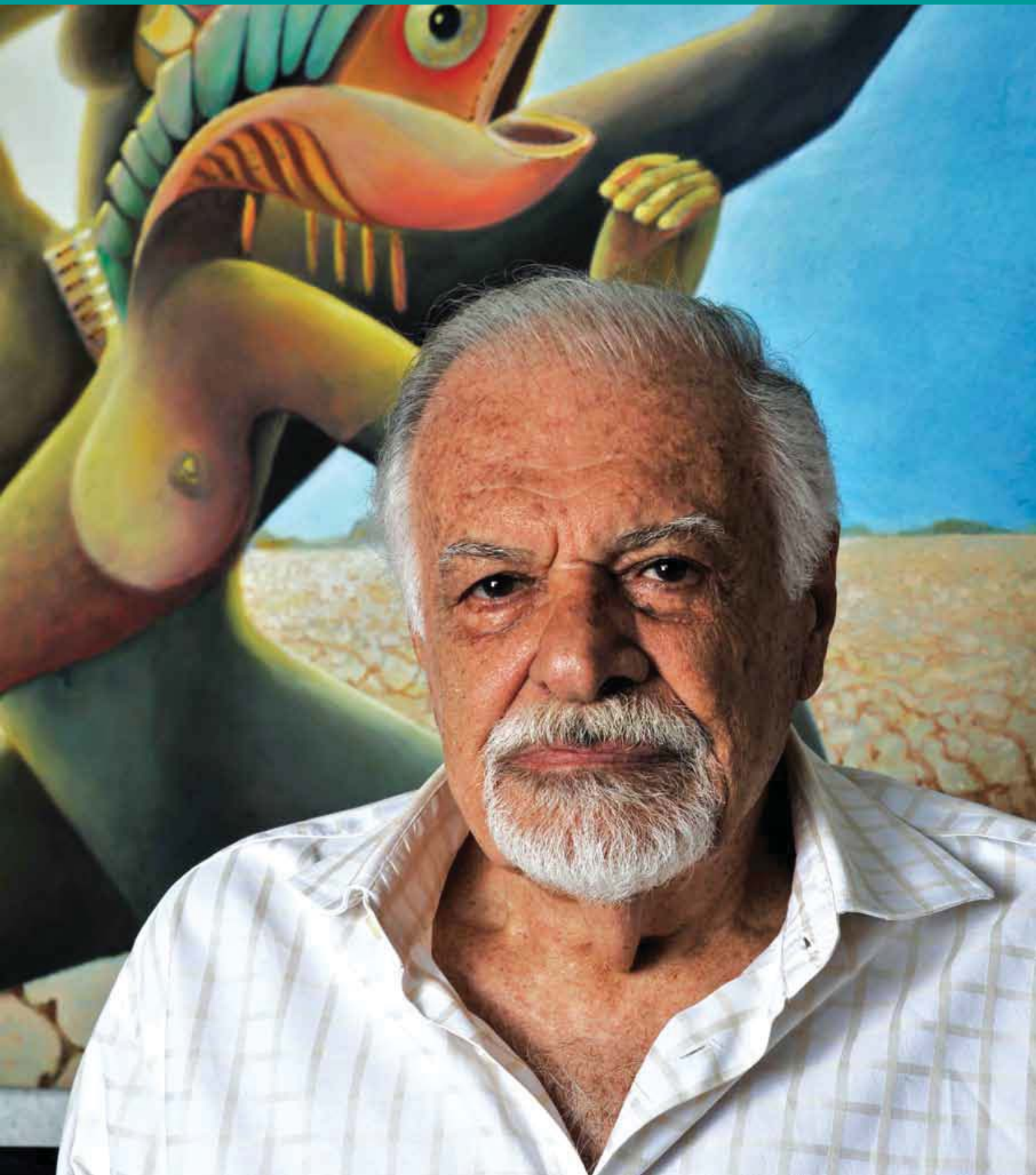
Tenho para minha vida a busca como medida, o encontro como chegada e como ponto de partida. A síntese perfeita do personagem multiplataforma é extraída por ele mesmo. A poucos meses de completar 80 anos, o cantor, compositor, instrumentista, escritor, ator, diretor e pintor João Lutfi reconstitui a densa e provocadora trajetória vivida sob o manto artístico de Sérgio Ricardo, alentado verbete do Dicionário Cravo Albin, além de ser homenageado em janeiro nos salões do ICCA.

Não tenho para o meu olho/ Apenas o sol nascente/ Tenho a mim mesmo no espelho/ Dos olhos de toda gente. Os belos versos da confessional canção “Ponto de partida” entregam a personalidade talhada no compartilhamento. O tocante autorretrato desvela: Não tenho para o ouvido/Somente o rumor do vento/ Tenho gemidos e preces/ Rompantes e contratempos/ Não tenho para o meu braço/ Apenas o corpo amado/ E assim sendo o descruzo/ Na rédea, no remo e no fardo/ Não tenho para o meu pé/ Somente o rumo traçado/Tenho improvisado no passo/ E caminho pra todo lado.

E que caminho. A viagem começa cedo. “Minha mãe, dona de casa, tinha voz afinada e cantava acompanhada por meu pai — comerciante e industrial — ao alaúde. Como desejava ver seus

filhos artistas, matriculou-nos no Conservatório de Marília, interior de São Paulo, onde nasci, a 18 de junho de 1932, e morávamos. Eu, com oito anos, apaixonei-me pela música”, conta o primogênito de Maria Mansur Lutfi e Abdalla Lutfi, que, vindos da Síria, residiam no município desde sua fundação, em 1930. Na década de 40, a família se transfere para a capital, onde João prossegue o aprendizado de piano. No curso ginasial, o temperamento rebelde do garoto dá os primeiros sinais: ele só se aplica em matérias ligadas à arte.

Dois anos depois, os Lutfi retornam a Marília. João acompanha, atentamente, os programas da Rádio Clube local e da Rádio Nacional, os quais impregnam seu espírito de brasilidade. Em 1950, vai para Santos, estagiar na emissora de rádio



Fotos: Arquivo Pessoal



Ainda criança com seus irmãos Tufi, Candura e Dib, em sua casa em São Paulo, no ano de 1942



Em Marília (São Paulo) com aproximadamente 6 meses de idade, no ano de 1932

dos tios. Amplificam-se os horizontes do rapaz: do popular ao erudito, do nacional ao estrangeiro, tudo se filtra em seu ouvido apurado. Passa a reproduzir as músicas que escuta diariamente em um piano cedido pelo proprietário da boate Savói, que, impressionado, o contrata para tocar na casa. Sozinho, torna-se o rei da noite em torno de tangos, sambas, valsas, choros e foxes. Maria Lutfi terá seu desejo atendido.

CONTRASTES CARIOCAS

Após o ensino fundamental, João desembarca no Rio de Janeiro para atuar como locutor no programa de um dos tios na Rádio Vera Cruz, continuando os estudos de piano no Conservatório Nacional. As primeiras impressões sobre a nova geografia são impactantes. “Afora o deslumbramento natural – revê – causado pela beleza da cidade, ficou marcada a divisão territorial entre as Zonas Sul e Norte, separando a burguesia da camada pobre. Minha família veio para cá, e fomos morar em Sampaio, próximo ao Jacarezinho, uma

Minha família veio para o Rio e fomos morar em Sampaio, próximo ao Jacarezinho, uma das maiores favelas da época. Nela, fazia várias incursões, em que absorvia a essência de uma cultura rica que tanto viria a me servir adiante

das maiores favelas da época. Nela, fazia várias incursões, em que absorvia a essência de uma cultura rica que tanto viria a me servir adiante. Do outro lado, intrigava-me o distanciamento preconceituoso da classe abastada, o que me saltava aos olhos como pianista das boates chiques da Zona Sul. Passei por quase todas – ia pulando de uma a outra, por rebeldia contra os desmandos de patrões. Assim, acentuou-se minha consciência social.”

Aos 22 anos, João ganha um rebatismo. Ao ser



Cena do filme "Menino da calça branca", em 1961

aprovado num teste como ator, é contratado pela TV Tupi de São Paulo, sob a condição de arranjar um pseudônimo. "Achavam meu nome verdadeiro impróprio para a divulgação na mídia. Meu pai não gostou muito da ideia, mas foi se acostumando com a mudança." Nasce Sérgio Ricardo, que intercalará a profissão de ator – em novelas de capa e espada – com a de pianista. Assume a vaga deixada pelo colega Tom Jobim na boate Posto Cinco, em Copacabana. Com músicos como Johnny Alf, João Donato, João Gilberto e Lúcio Alves, refina formas musicais mais elaboradas. Logo, já se apresenta cantando, inclusive, peças de autoria própria. Em uma noite, Maysa ouve "Buquê de Izabel". E a grava em seu segundo LP. Sérgio Ricardo é lançado, oficialmente, como compositor.

De seu apartamento, no bairro do Humaitá, ele presencia um deslizamento de barracos na favela em frente. Sensibilizado, escreve seu *Zelão: Todo o morro entendeu quando o Zelão chorou/ Ninguém riu, ninguém brincou/ E era*



Sérgio Ricardo com os pais, embarcando para os EUA para concorrer no Festival de Cinema de São Francisco, em 1963

carnaval. Uma evidência de ruptura do namoro com o movimento do amor, do sorriso e da flor. "A música brota da indiferença dos governantes quanto aos menos favorecidos, em plena Bossa Nova. Cheguei, por ironia, a incursionar nesse estilo, pois sabia manobrar a composição em sua estética. Porém, não consegui me afinar ao conteúdo temático", expõe.

o mundo das telas

À época, ele adotara o violão como segundo instrumento, tendo lançado seu primeiro disco, "A Bossa Romântica de Sérgio Ricardo", pela Odeon. Na Tupi, dirigira um programa sobre o gênero, o primeiro da TV a ser transmitido ao vivo em cadeia nacional. "Mas a trilha bossa-novista durou pouco – o suficiente para retomar o caminho original nas canções subsequentes, engajando-me no Cinema Novo, cujos princípios filosóficos e políticos condiziam com os meus. Sempre fui apaixonado pela sétima arte. A soma de minhas atuações em música, pintura, literatura e teatro se explicita em uma única criação: cinema, que transpira em todas

Fotos: Arquivo Pessoal



No Terceiro Festival da Record em 1967, pouco antes de quebrar seu violão

“Esse gesto (o de quebrar seu violão no Terceiro Festival da Record, em 1967) me estigmatiza como o homem do violão. Parece que vim para isso e mais nada”

elas”, condensa.

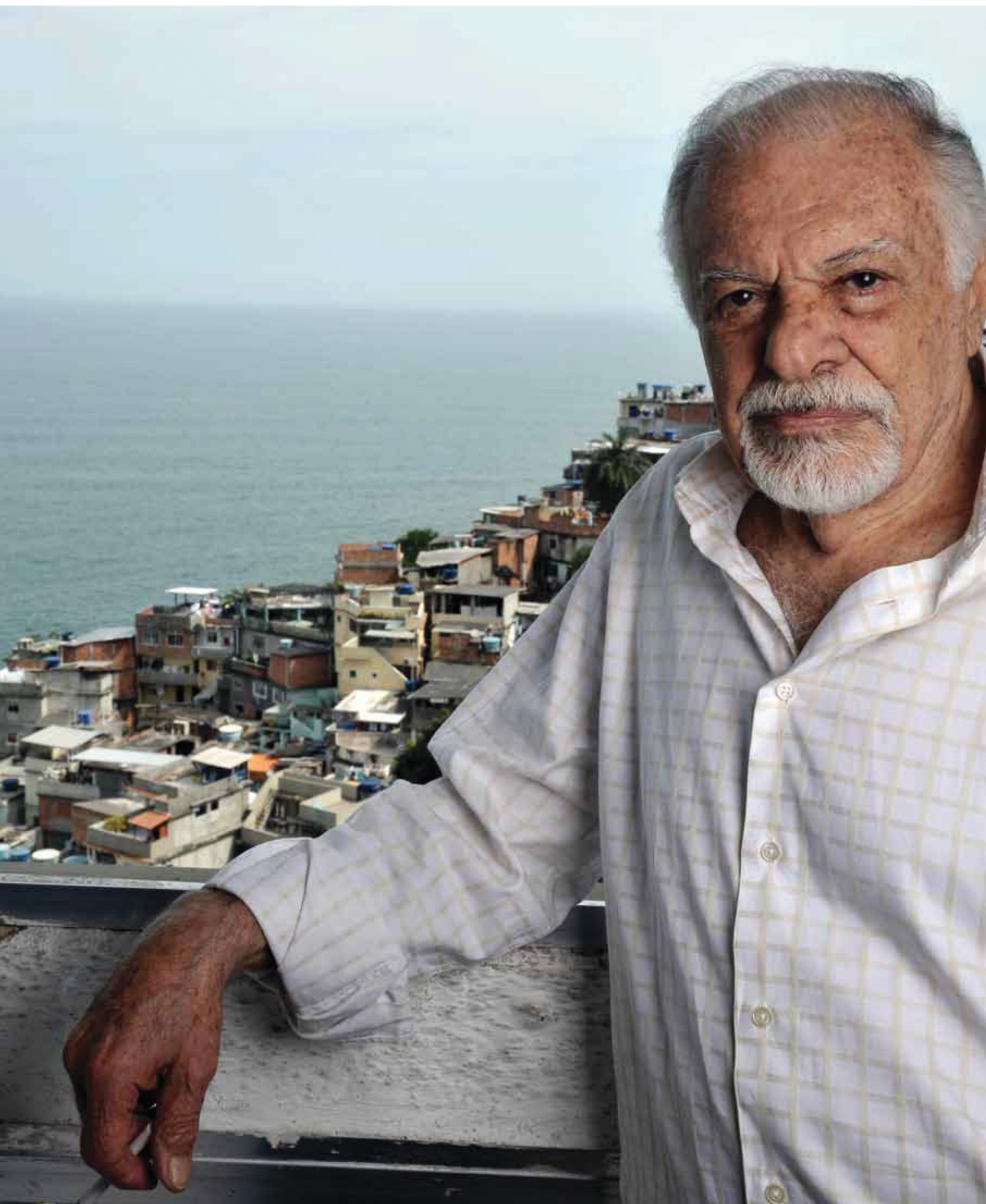
Após ampliar sua experiência como ator, encenando peças importantes no programa “Grande Teatro da Tupi”, Sérgio está pronto para dirigir seu primeiro filme, “Menino da calça branca”, montado por Nelson Pereira dos Santos. O curta ganha o Prêmio Governador do Estado do Rio de Janeiro e é escolhido pelo Itamaraty para representar o Brasil no Festival de Cinema de São Francisco (EUA).

No Brasil, grava pela Philips o disco “Um senhor talento”, com a melodiosa “Folha de papel” (*Olha só o que o vento faz com o papel/ E, traga ele a notícia que for, vai voar, voar/ É assim quando se gosta de alguém/ Não se consegue mais impedir/ Que o amor faça o mesmo com o coração*), e se integra ao Centro Popular de Cultura (CPC). É tempo de levar sua música engajada a universidades, favelas e portas de fábricas. Em paralelo, produz a trilha sonora do lendário filme de Glauber Rocha, “Deus e o diabo na terra do sol”, que lhe rende vários prêmios. E roteiriza, assina a trilha e dirige seu longa de estreia, “À la Nouvelle Vague”, com montagem de Ruy Guerra. Estamos em 1º de abril de 1964. O anúncio do

golpe militar esvazia as ruas. O letreiro do Cine São Luiz, no Largo do Machado, exibe o título da película de Sérgio que acaba de entrar em cartaz: “Esse mundo é meu”. Na plateia, nenhum espectador. Mas, na influente revista francesa “Cahiers du Cinema”, a obra merece destaque.

comigo não, violão!

Na pacata Rua Barão de Jaguaribe, em Ipanema, onde agora está instalado, compõe a trilha de um novo filme de Glauber (“Terra em transe”). O baiano será seu parceiro em “A praça é do povo”, uma das canções do álbum “A grande música de Sérgio Ricardo”, lançado em 1967. Naquele ano, inscreve “Beto bom de bola” no Festival da TV Record. A música chega à final. Entretanto, impossibilitado de interpretá-la pelas estrondosas vaías, tem a reação que colará em sua imagem para sempre: quebra o violão no palco e o atira ao público. Ele analisa o impacto: “Esse gesto me estigmatiza como o *homem do violão*. Parece que vim para isso e mais nada. Poucos conhecem meu trabalho. Some-se ao fato a proibição da censura, enquanto eu sustentava uma atitude de contestação contra a ditadura, em relação a



minha presença em rádio e televisão. Por outro lado, manteve meu nome vivo, ao contrário da maioria que assumiu o mesmo papel diante do sistema ditatorial. Escapei de ser inteiramente esquecido. Ainda assim, uma ou outra coisa não tem tanta significação, pois minha atuação artística não contempla o sucesso pessoal, nem qualquer predicado de permanência. Estou nessa para extravasar minha criatividade, não para alcançar reconhecimentos ou glórias. Contenta-me o resultado de minhas apresentações como artista, perante o aplauso sempre caloroso.”

Da explosão de popularidade causada pela repercussão nacional do ato intempestivo, surgem propostas como a de estrear, na Rede Globo, em horário nobre, o programa “Sérgio Ricardo



Em sua casa datilografando letra de música com seu violão ao lado, em 1960



Divulgando o seu programa: “Em tempo de avanço”, na TV Globo, dirigido por Chico de Assis, em 1968

em tempo de avanço”, que não vai à frente. À insistência da diretoria da emissora para descer o nível da atração, o compositor pede as contas. Repele, igualmente, jogadas oportunistas na esteira da súbita fama, mergulhando no cinema. Consagra-se ao novo projeto, “Juliana do amor perdido”, pelo qual ganha o Prêmio Governador do Estado de São Paulo como o melhor filme de 1969; o Festival de Santos, na categoria de diretor; e o troféu Coruja de Ouro, pela trilha.

Início da turbulenta década de 70. Sérgio, agora estabelecido no charmoso bairro da Urca, grava mais um disco, “Arrebentação”, o oitavo da carreira. Nele, está impresso o invariável selo da denúncia social. Sofre intimações por parte dos militares. Suas músicas são, definitivamente, banidas da mídia. Conserva-se na ativa por meio de shows no circuito



Bob's

Uma história com
60 anos de sabor.



O que é bom, o tempo não muda...
Nas Lojas Bob's Original, você pode saborear todos
sanduíches e sobremesas que marcaram época ou
escolher os que você já conhece.



Loja Bob's Original Domingos Ferreira
Rua Domingos Ferreira, 236 - Loja A e B
Copacabana

Loja Bob's Original Garcia D'Ávila
Rua Visconde de Pirajá, 463 A
Ipanema

Fotos: Arquivo Pessoal



Com os músicos Piri Reis, Cassio Tucunduva, Fred Martins, Franklin da Flauta e Paulinho Camafeu no estúdio da Continental Discos durante a gravação do LP "Sérgio Ricardo", em 1973



Assinando contrato com a TV Globo, em 1968, para a realização do programa de auditório "A música de todos", com o produtor Edwaldo Pacote e assessor

universitário, ao tempo em que concebe a trilha sonora de "Guerra dos pelados", filme de Sylvio Back. Na sequência, cria e lança, em sociedade com "O Pasquim", a série Disco de Bolso, como encarte do jornal. Na primeira, de um lado, "Tom Jobim e Águas de Março", composição feita para o projeto. No lado B, um iniciante João Bosco, interpretando "Agnus sei", dele e de Aldir Blanc. O outro disco reúne Caetano Veloso, em "A volta da asa-branca" (de Luiz Gonzaga), e o desconhecido Fagner, em "Velas do Mucuripe", com o parceiro Belchior. O fechamento do "Pasquim" cancela a iniciativa.

A casa da Urca se torna ponto de encontro de artistas. Junto a nomes como Macalé e Chico Buarque, Sérgio conclama a classe de músicos e compositores à fundação de uma associação arrecadadora — a Sombrás —, sem fins lucrativos, como forma de ordenar o controle do direito autoral. A mobilização deságua na instituição, pelo governo, do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad). Na sequência, ele compõe a trilha sonora — que revela Alceu Valença e Geraldo Azevedo — de "A Noite do espantalho"

(1974), filme que dirige em Nova Jerusalém (sertão pernambucano). Disposta a interditar a produção, a censura recua e a libera sem cortes, ante o convite oficial do Festival de Cannes, para representar o Brasil. Chovem prêmios. No mesmo ano, nasce "Ponto de partida", canção que o perfila e que designará, em 1975, a nova peça de Gianfrancesco Guarnieri. O músico completará a trilha sonora e integrará o elenco, ao lado do dramaturgo e de Othon Bastos.

observatório no morro

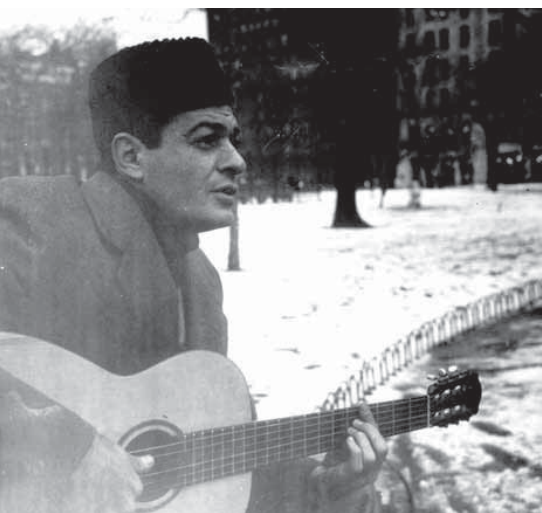
Sérgio se prepara para filmar a história de Zelão, personagem de sua música. Adquire, no Vidigal, um apartamento e, também, um barraco no morro, em que se aloja, por um ano, para captura do universo a ser narrado. "Essa experiência foi a melhor possível. O barraco ficava em frente ao mar e de costas para a favela, que seguia pelo portão do meu quintal, em reencontro à cultura visitada no Jacarezinho. Acabei amigo da moçada e comprei com eles uma briga, em plena ditadura, contra a remoção impingida pelas autoridades."

Ele consegue atrair para a causa o advogado Sobral Pinto. Vencida a batalha, seu barraco vira sede da Associação dos Moradores.

Em seguida, Sérgio se dedica a musicar o livro “Flicts”, de Ziraldo. O LP sai pela Polygram, com interpretações do MPB-4 e do Quarteto em Cy. Em sua coluna no “Jornal do Brasil”, Carlos Drummond de Andrade derrama elogios ao trabalho do compositor, encaminhando-lhe seu único cordel, “Estória de João-Joana”. Sérgio, já em seu apartamento no Vidigal, em que reside até hoje, debruça-se sobre a futura parceria com o poeta mineiro. O cordel despertará o interesse do grupo Nós da Dança, que o levará à cena no Teatro João Caetano. Ao ouvir sua gravação — feita para um LP independente, sob a regência do maestro Radamés Gnattali, com a Orquestra do Teatro Municipal —, Drummond envia carta comovente a Sérgio, dizendo: *Você me inspirou essa emoção profunda, que confraterniza as criaturas sob um signo poderoso.*

Ênio Silveira, da editora Civilização Brasileira, convida o músico a elaborar seu primeiro livro

de poemas, “Elo Ela”, publicado em 1982, com prefácio de Antônio Houaiss, que celebra: *É de ver que o poeta, aqui, novo embora ou propondo-se só agora, não tenta atingir construtividades ou estruturatices complexas ou voluntariosas: suas palavras são de todos nós.* Nove anos depois, Sérgio lança “Quem quebrou meu violão” (Record), um ensaio sobre a cultura brasileira de 1940 a 1990. E, motivado pelo artista plástico Zaluar, abraça também a pintura. “Desde a infância, sempre fui o melhor aluno em desenho. Achei que só exerceria essa atividade mais a sério na velhice. O pintor se enfurna no ateliê, e eu queria os palcos. A arte exige uma entrega maior do que a que dispensei à pintura. Todos os fazeres artísticos guardam um ponto comum, cujos parâmetros a música traduz bem. Qualquer arte só é bela se contiver uma melodia, um ritmo e uma harmonia. Tanto num quadro quanto num filme, procuro os três elementos. Os grilhões representados por conceitos — abstrato, figurativo, moderno etc. — ficaram para trás, desde que a criação parta de um paradigma em que pos-



Durante a sua temporada em Nova York, após o concerto de Bossa Nova do Carnegie Hall, em 1963



Sérgio Ricardo e seus companheiros tocando na boate Chez Colbert, em Copacabana, em 1952

Arquivo Pessoal



Sérgio Ricardo, Alceu Valença, Chico Buarque, Elba Ramalho, Zélia Duncan, Marina Lutfi, Telma Tavares no Theatro Municipal, quando da apresentação de “História de João e Joana”, idealizado por Ricardo Cravo Albin, em 1999

sa fluir a beleza. Trabalho nos diferentes campos como se compusesse uma música.”

Já nos anos 90, o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) organiza a Semana Sérgio Ricardo, expondo seus quadros, filmes e livros. Em comemoração aos 50 anos de carreira, em 1999, é idealizada, por Ricardo Cravo Albin, uma nova exibição de “Estória de João-Joana”. Sérgio ocupa o palco com seus músicos e os da Orquestra Sinfônica. O canto do cordel é ecoado entre os artistas que vêm homenageá-lo: Chico Buarque, Zélia Duncan, Elba Ramalho, Alceu Valença e Telma Tavares.

Do alto de seu recanto no Vidigal, o mariliense garante: “É impossível negar que o Rio seja minha eterna morada, pois gosto do jeito carioca. Não posso dispensar o sol e os amigos daqui. A cidade porta a chama das emanções positivas.” E, sobre a perspectiva de completar oito décadas de idade, brinca: “Jamais farei oitenta anos. Vou

fazer setenta e dez, setenta e onze e assim por diante. Ao olhar para trás, vejo um amontoado de vivências, decepções e alegrias. Não me pesam arrependimentos, por entender que em nenhum momento traí meus ideais, tendo, felizmente, a consciência tranquila pela coerência de meus atos. Para a frente, vou seguindo em busca de realizações, no mesmo impulso criativo e sem me preocupar com as pedras ou perdas do caminho. Aonde chegarei, não sei. Mas sou movido pela esperança de dias melhores a todos.” A agenda de comemorações começará por uma nova encenação da ópera-popular “João-Joana”, em Brasília, com a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, Elba, Alceu, Geraldo Azevedo e os filhos do ilustre aniversariante, Adriana, Marina e João. Portanto, admiradores, bem-vindos à festa, que continua nos salões do ICCA em janeiro, inclusive com amostras de seus quadros na Urca. ■■

Daslu

ONLINE

ONDE VOCÊ ESTIVER
A DASLU VAI ATÉ VOCÊ

WWW.DASLU.COM.BR